

Referências Bibliográficas

AFONSO, Guilherme. **Breve história do cinema português**. Maputo: Instituto Nacional de Cinema, 1981.

AGEL, Henri. **Estética del cine**. Buenos Aires: Editora Universitária de Buenos Aires, 1962.

ALMEIDA, António Ramos de. A arte e a vida. In: SALAZAR, Abel. **Que é arte?** Prefácio de António Pedro Pita. Porto: Campo das Letras, 2003

ALVARENGA, Fernando. **Afluentes teórico-estéticos do neo-realismo visual português**. Porto: Edições Afrontamento, 1989.

AMO, Álvaro Del. **Cine en la critica del método**. Madrid: Edicusa, 1969.

ANDREW, Dudley. **Concepts in film theory**. New York: Oxford University Press, 1984.

ANTÓNIO, Lauro. **E depois de Abril? Tá-se bem?** Em Portugal e no mundo. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa: Biblioteca Museu República e Resistência, 1999.

_____. **25 de Abril, 30 anos – O antes e o depois de Abril no Cinema Português**. Lisboa: Biblioteca Museu República e Resistência, 2004.

ANTUNES, João & Matos-Cruz, José de. **Cinema Português 1896-1998**. Lisboa: Lusomundo: 1997.

ARISTARCO, Guido. **Novo mundo das imagens eletrônicas**. Lisboa: Edições 70, 1990.

_____. **História das teorias do cinema**. Lisboa: Arcádia, 1963.

_____. **Disolución de la razón: discurso sobre el cine**. Caracas: Ediciones de La Biblioteca Universidad Central de Venezuela, 1969.

AUMONT, Jacques. **O olho interminável** (cinema e pintura). São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

_____. **Théories del cinéastes**. Paris. Nathan, 2002.

AZEVEDO, Manuel de. **O cinema italiano do após-guerra e o neo-realismo**. Coimbra: Contraponto, Coimbra Editora, 1957.

_____. **Perspectiva do Cinema Português – Ensaio**, Porto, Clube Português de Cinematografia/Cine-Clube do Porto, Cadernos de Cinema (n.º 3), 1951.

BÁLAZS, Bela. **Estética do filme**. Rio de Janeiro: Verbum, 1958.

BARBARO, Umberto. **Cine y el desquite marxista del arte**. Barcelona: Gustavo Gile, 1977.

BARRETO, António e MÓNICA, Maria Filomena (coord.). **Dicionário de História de Portugal**. Porto, Livraria Figueirinhas, 1999.

BANDEIRA, José Gomes. **Porto: cem anos de cinema português**. Porto: Câmara Municipal do Porto, 1996

BAPTISTA-BASTOS. **O filme e o realismo**. Sete ensaios em busca de uma expressão. Lisboa: Arcádia, 1962.

BAPTISTA, Tiago. Aniki Bobó. In: **Olhares neo-realistas**: Mostra de cinema, debates e aulas abertas. São Paulo: Centro Cultural Banco do Brasil, 2007.

_____. **Na minha cidade não acontece nada**. Lisboa: no cinema: anos 20- cinema novo. Lisboa: Ler História, 2005.

BELLOUR, Raymond. **Entre-imagens: foto, cinema e vídeo**. Campinas: Papirus, 1997.

BORDWELL, David. **On the history of the filme style**. London: University Press, 1997.

BURCH, Noël. **Praxis du cinema**. Paris: Editions Gallimard, 1969.

CARDOSO, Abílio Hernandez. O Cinema: do mudo aos anos da agonia. In: REIS, António. **Portugal Contemporâneo**. Lisboa: Publicações Alfa, 1990, Vol. 2, pp. 697-704.

CASTRO, Fernanda de. **Ao Fim da Memória (1939-1987)**, Lisboa, Verbo, 1987.

CLETO, Germano. Rumos do Cinema Português. Lisboa, Cadernos Fundo de Apoio aos Organismos Juvenis (n.º 14), Ed. Secretaria de Estado da Juventude e Desportos, 1979

COMISSÃO DO LIVRO NEGRO SOBRE O REGIME FASCISTA, *Política (A) de Informação no Regime Fascistas*, Lisboa, Presidência do Conselho de Ministros, 2 Volumes, 1980.

CHARNEY, Leo, SCHWARTZ, Vanessa(org.). **O cinema e a invenção da vida moderna**. Rio de Janeiro: Cosac & Naify, 2001.

COELHO, Eduardo Prado. **Vinte anos de cinema português (1962-1982)**. Lisboa: Instituto de cultura e língua portuguesa, 1983.

COSTA, Alves. **Breve história do cinema português** (1896-1962).

Lisboa: Instituto de Cultura Portuguesa, 1978.

COSTA, João Bénard da. **O cinema português nunca existiu**. Lisboa:

CTT, Correios de Portugal, 1996.

_____. **Histórias do cinema**. Lisboa: Comissariado para a Europália 91; Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1991. – 186 p.

Cultura (A) Portuguesa e o Estado Novo, Lisboa, Edições do Secretariado Nacional de Informação, 1946.

CUNHA, Paulo. Ferro contra Ferro. Um “Acto de Contrição” do Poder no Estado Novo. Coimbra, 2003. Instituto de História das Ideias-FLUC.

Dissertação de Mestrado. Instituto de História e Teoria das Ideias. Universidade de Coimbra

_____. **A Aldeia Mais Portuguesa do Cinema Português. O Cinema Português de Temática Rural nos Anos de Ferro**, Coimbra, Trabalho de Seminário de Licenciatura em História, 2001. «10.º Aniversário do S.P.N.», in *República*, 27-X-1943, pág. 1.

_____. Dez Anos de Bem Servir, in **Novidades**, 26-X-1943, pág. 1 e 3.

CRUCHINHO, Fausto. O expressionismo de Douro, Faina Fluvial de Manoel de Oliveira. In: **Expressionismus**: Retrospectiva de cinema expressionista alemão (1919 – 1932) / Organização do Centro de Estudos Cinematográficos. Coimbra: Centro de Estudos Cinematográficos, 1995

_____. Os passados e os futuros do Cinema Novo. **Estudos do Século XX**, Nº 1- 2001:214-240.

CRUZ, José de Matos. **Fitas que só vistas: origens do cinema português**. Lisboa: Instituto Português de Cinema, 1978.

_____. **O dia do século**. Lisboa: Grifo editores, 1998.

_____. **O cais do olhar**. O cinema português de longa-metragem e a ficção muda. Lisboa: Cinemateca Portuguesa, 1981.

_____. **Anos de Abril. Cinema português 1974-1982**. Lisboa: Instituto Português de Cinema, 1982.

_____. **Baptista Rosa**. Lisboa: Cinemateca Portuguesa, 1984.

DIAS, Luís Augusto Costa. **A imprensa periódica na génese do neo-realismo (1933-1945)**. In: A imprensa periódica na génese do movimento neo-realista. 1933-1945. Pesquisas, Resultados, Catálogos. Vila Franca de Xira: Museu do Neo-Realismo, 1996.

DIAS, Luís Augusto Costa & GRAÇA, Júlio. **Entre a realidade e a utopia** – o movimento neo-realista. Vila Franca de Xira: Museu do Neo-Realismo, 1993.

DIONÍSIO, Mário. **Conflito e unidade da arte contemporânea**. Conferência pronunciada pelo autor na Sociedade Nacional de Belas Artes, em Lisboa, integrada na Exposição de Artes Plásticas que a Fundação Gulbenkian ali realizou em Dezembro de 1957. Lisboa: Iniciativas Editoriais, 1957.

DUBOIS. Philippe. **Cinema, vídeo, Godard**. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

DUARTE, Fernando. **Primitivos do Cinema Português**. Lisboa: Cinecultura, 1960.

DUARTE, Fernando. A nova vaga portuguesa. In: **Celuloide**, N°81, pp.4-10, 1964.

Expressionismus: Retrospectiva de cinema expressionista alemão (1919 – 1932) / Organização do Centro de Estudos Cinematográficos. Coimbra: Centro de Estudos Cinematográficos, 1995.

FERRO, António. **Teatro e Cinema 1936-1949**. Lisboa, Edição do SNI, 1950.

_____. *Dez Anos de Política do Espírito 1933-1943*, Lisboa, Edição do Secretariado de Propaganda Nacional, 1944.

FERRO, Marc. **Cinema e história**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FRANÇA, José- Augusto; COSTA, Alves; PINA, Luís de. **Introdução à obra de Manuel de Oliveira**. Lisboa: Instituto de Novas Profissões, 1981.

FRANÇA, José Augusto et al. **Introdução à obra de Manoel de Oliveira**. Lisboa: Instituto Português de Novas Profissões, 1981.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Coimbra: Gallimard, 2005.

GEADA, Eduardo. **O imperialismo e o fascismo no cinema**. Lisboa: Moraes Editores, 1977.

GENE, Youngblood. **Expanded Cinema**. London: Studio Vista, 1970.

GILI, J. **L'Italie de Mussolini et son cinéma**. Paris: Henri Veyrier, 1985.

GUEDES, Fernando. **António Ferro e a Política do Espírito**. Lisboa, Academia Portuguesa de História, 1997.

GRANJA, Paulo. A Comédia à Portuguesa ou a Máquina dos Sonhos a Preto e Branco do Estado Novo. In: TORGAL, Luis. **O Cinema sob o Olhar de Salazar**. Lisboa, Círculo de Leitores, 2000, pp. 42-61.

GRANJA, Paulo. Dos Filmes Sonoros ao Cine-Clubismo. **História**, n.º 47, Julho-Agosto de 2002, pp. 28-33.

GRILO, João Mário. **O cinema da não-ilusão**. Histórias para o cinema português. Lisboa: Livros Horizonte, 2006.

GUEDES, Fernando. **António Ferro e a Política do Espírito**. Lisboa, Academia Portuguesa de História, 1997.

HENRIQUES, Raquel. **António Ferro. Estado e Antologia**. Lisboa, Alfa, 1990.

HENRY, Christel. **A cidade das flores**: Para uma recepção cultural em Portugal do cinema neo-realista italiano como metáfora possível de uma ausência. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, FCT, 2006.

«Homenagem a António Ferro», in **Diário da Manhã**, 24-X-1943, pág. 1.

«Homenagem de ontem a António Ferro» e «A Figura de Salazar», In: **Diário da Manhã**, 27-X-1943, pp. 1,2,3,6.

HORSLEY, Jake. **Dogville vs Hollywood**. London: Marion Boyars Publishers, 2005.

HOUSTON, Penélope. **O cinema contemporâneo**. Lisboa: Ulissea, 1963.

JAMES, David. **Allegories of cinema: american film in the sixties**. Princeton: University Press, 1989.

JAMESON, Frederic. “Sobre o realismo mágico no cinema” In: **Espaço e imagem: teorias do pós-moderno e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2004.

JEAN, Mitry. **Historia de cine experimental**. Valencia: Fernando Torres, 1974.

LINDSAY, Vachel. **The Art of the moving Picture**. New York: Modern Library, 2000

LEMIÈRE, Jacques. Algumas notas sobre a recepção em França da obra de Manoel de Oliveira. **Camões**. Revista de Letras e culturas lusófonas, n.12-13, 2001. Lisboa: Instituto Camões.

LOPES, João. **Aniki Bobó**. Lisboa: Secretaria de Estado da Reforma Investigativa, [s.d],-24p.

MACHADO, Arlindo. **Pré-cinemas & Pós-cinemas**. Campinas: Papyrus, 1997.

MAIER-SCHOEN, Petra. **Manoel de Oliveira**. München: Müncher Filmzentrum, 2004.

MARGATO, Izabel. **Tirantias da modernidade**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008.

MARX, K. ENGELS, F. et LENINE. **Sobre o humanismo na sociedade comunista**. Lisboa: Estampa, 1977.

MEMBA, Javier. **La nouvelle vague**. Madrid: T& B Editores, 2003.

MILNE, Tom. **The french nouvelle vague**. In: LLOYD, Ann. *Movies of the sixties*. London: Orbis Publishing, 1983.

MOHOLY-NAGY, L. **Vision in motion**. Chicago: Paul Theobald, 1947.

MOUSSINAC, Léon. **Le cinéma soviétique**. Paris: Gallimard, 1928.

NAMORADO, Joaquim. Do neo-realismo. In: **O Diabo**, Lisboa, A.V, n° 223 (31 Dez.), 1938, p.3

NAMORA, Fernando. **Domingo à tarde**. Lisboa: Livraria Bertrand, 1961.

NOBRE, Roberto. Muitos filmes: muitos cinemas e nada que mereça ver-se/ Roberto Nobre. **O Diabo**, Lisboa, A.IV, n° 129 (29 Mai.), 1938, p.4

NOBRE, Roberto. **Singularidades do cinema português**. Lisboa: Portugália Editora, 1964.

NOBRE, Roberto. **O Fundo**. Comentários ao Projecto da Nova Política de Cinema em Portugal, Lisboa, Edição do Autor, 1948.

Ó, Jorge Ramos do. Salazarismo e Cultura. In: ROSAS, Fernando (coord.). **Portugal e o Estado Novo (1930-1960)**. Lisboa: Editorial Presença, Vol. XIII da *Nova História de Portugal*, dir. Joel Serrão e Oliveira Marques, 1990.

Ó, Jorge Ramos do. SPN/SNI/SEIT. In: **Dicionário de História do Estado Novo**. coord. Fernando Rosas e Brandão Brito, Lisboa, Círculo de Leitores, 1996, 2.º volume, pp.893-896.

Ó, Jorge Ramos do. **Os Anos de Ferro**. O Dispositivo Cultural durante a 'Política do Espírito'. 1933-1949. Lisboa: Editorial Estampa, 1999.

Obras de António Ferro. Intervenção Modernista, Lisboa, Verbo, 1987.

OLIVEIRA, Pedro Afonso da Silva. **Douro, Faina Fluvial de Manoel de Oliveira**. Lisboa: Autor, s.d.

PARSI, Jacques e BAECQUE, Antoine de. **Conversas com Manoel de Oliveira**. Porto: Campo das Letras, 1999.

PAVÃO, Almeida J. Alves Redol e o neo-realismo. Separata da Revista **Ocidente**, Vol. LVIII, 1959.

PELAYO, Jorge. **Bibliografia Portuguesa de Cinema, uma visão cronológica**. Lisboa, Cinemateca Portuguesa, 1985.

PINA, Luís. **Iniciação da obra de Manoel de Oliveira**. [s.l.:s.n.,s.d] – 24p. Fichas técnicas e sinopses dos filmes de Oliveira. Cronologia dos primeiros 70 anos de história do cinema português.

_____. **A aventura do cinema português.** Lisboa: Vega, 1977

_____. **Documentarismo português.** Lisboa: Instituto Português de Cinema, 1977.

_____. **História do cinema português.** Lisboa: Europa – América, 1987.

PITA, António Pedro. **Régio, Oliveira e o cinema.** Recolha e organização de textos de António Pedro Pita. Vila do Conde: Câmara Municipal de Vila do Conde, 1994. – 63 p.

_____. Importância da imprensa periódica para o estudo do neo-realismo. In: **A imprensa periódica na génese do movimento neo-realista. 1933-1945.** Pesquisas, Resultados, Catálogos. Vila Franca de Xira: Museu do Neo-Realismo, 1996.

_____. **Neo-realismo: ideologia e estética.** (A propósito de O discurso ideológico do neo-realismo de Carlos Reis). Separata da Revista *Vértice*. Vol XLIII, Ano 1983, N° 455, Julho/Agosto.

_____. **Conflito e unidade no neo-realismo português. Arqueologia de uma problemática.** Porto: Campo das Letras, 2002.

_____. Temas e figuras do ensaísmo cinematográfico. In: TORGAL, Luis Reis. **O Cinema sob o Olhar de Salazar.** Lisboa, Círculo de Leitores, 2000.

PUDOVKIN, Vsevolod. **Diretor e ator no cinema.** São Paulo: Editora Iris, s.d.

QUINTANA, Ángel. **Fabulas de lo visible: el cine como creador de realidades.** Barcelona: Acantilado, 2003.

RAMOS, Jorge Leitão. Cinema e História. In: FIGUEIREDO, Nuno; GUARDA, Dinis. (orgs.). **Portugal: um retrato cinematográfico**. Portugal: a cinematographic portrait, Lisboa, Número – Arte e cultura, 2004.

REIS, Carlos. **O discurso ideológico do Neo-Realismo português**. Livraria Alemdina: Coimbra, 1983.

RÉGIO, José. **Crítica e ensaio**. Lisboa: Círculo de leitores, 1994.

RÉGIO, José & SIMÕES, João Gaspar. **Estética presencistas**. Ensaios doutrinários. Coimbra: Presença, 1978.

RIBEIRO, Félix. **O Cinema Português antes do Sonoro**. Esboço Histórico do cinema Português, Terra Livre, Lisboa, 1978.

_____. **Panorama do Cinema Português**. Lisboa, s.d.

_____. **Jorge Brum do Canto**. Um homem do cinema português. Lisboa: Instituto Português de cinema; Cinemateca Nacional, 1973.

RODRIGUES, Urbano Tavares. **Um novo olhar sobre o neo-realismo**. Lisboa: Moraes Editores, 1981.

SADOUL, Georges. **História do cinema mundial**. Das origens aos nossos dias. Lisboa: Livros Horizonte, 1959.

SALAZAR, Abel. **Que é arte?** Prefácio de António Pedro Pita. Porto: Campo das Letras, 2003.

SALAZAR, A. de O. Fins e necessidade de propaganda nacional. In: SALAZAR, A. **Discursos. 1928-1934**. Coimbra: Coimbra Editora, 1935

SANTOS, A.Videira. **Para a história do cinema em Portugal I.** Do diafanorama aos cinematógrafos de Lumière e Joly-Normandian. Lisboa: Cinemateca Portuguesa, 1991.

SARTRE, Jean-Paul. **O existencialismo é um humanismo.** Tradução de Vergílio Ferreira. Lisboa: Editorial Presença, 1970.

SEABRA, Augusto M. (Org.) **Portogallo: 'Cinema novo' e oltre...**Veneza: Marsilio, 1988.

SKLAR, Robert. **Film: an international history of the medium.** New York: Harry N. Abrams, s.d.

SOUSA, Ernesto de. **Ser moderno...** Em Portugal. Lisboa: Assírio & Alvim, 1998.

TORRES, António Roma. **Cinema português, Anos Gulbenkian.** Porto: Soares Martins, 1972.

TORRES, Alexandre Pinheiro. **O movimento neo-realista em Portugal na sua primeira fase.** Lisboa: Instituto de Cultura Portuguesa, Col. Biblioteca Breve, 1977.

_____. **O Neo-Realismo Literário Português.** Lisboa: Moraes Editores, 1977.

TORRES, Mário Jorge. **Manoel de Oliveira e a narrativa pré-griffithiniana – entre o quadro teatral, em plano fixo, e a correspondência romanesca com Agustina.** (no prelo)

TORGAL, Luis Reis de. **O cinema sob o olhar de Salazar.** Lisboa: Círculo de Leitores, 2000.

TUDOR, Andrew. **Theories of filme.** London: Brithsh Film Institute, 1975.

VOGEL, Amos. **Film as subversive art**. London: Weidenfeld and Nicolson, 1974.

XAVIER, Ismail. **O discurso cinematográfico: a opacidade e a transparência**. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

ZAVATTINI, Cesare. **Cesare Zavattini: diário de cine y vida**. Valencia: Editores de La filmoteca, 2002.

Artigos:

COSTA, Alves. Fimografia de Manuel de Oliveira In: **Vértice**, nº 246 a 249: Coimbra, março a junho de 1964

COSTA, João Bénard. Pedra de toque. O dito terno feminino na obra de Manoel de Oliveira. **Camões**. Revista de Letras e culturas lusófonas, n.12-13, 2001. Lisboa: Instituto Camões.

O cinema português. Depoimentos de Alves Costa, Lauro António, João Gaspar Simões e Alexandre Babo. In: Gazeta de Coimbra, 25 de janeiro de 1965.

DIONÍSIO, Mário. S.O.S. – geração em perigo. **O Diabo**, A.VI, nº 248 (24 JUN.), Lisboa 1939, p.1, 12

DUARTE, Fernando. Os verdes anos e o cinema novo português. **Celulóide**, nº 73, janeiro de 1964.

DUARTE, Fernando. José Ernesto de Sousa e o Dom Roberto. **Celulóide**, nº 55, julho de 1962.

GINGA TCHEN, Adelaide. Surrealismo e revolução. Da responsabilidade desejada ao envolvimento conseguido. **Estudos do século XX**, nº 1, 2001, 41 -58

J.D. Manoel de Oliveira, **Positif**, nº 25-26, 1957, pp.87

NAMORA, Fernando. Bravo, Manuel Guimarães. **Imagem**, nº 13, 1952.

REDOL, Alves. Primeiro passo para um cinema melhor. **Imagem**, nº 13, 1952.

SADOUL, Georges. O gosto pela descoberta. **Jornal das Letras**, 13 de março de 1963.

SANTOS, Fernando Piteira. Opinião dum espectador. **Imagem**, nº 13, 1952.

SHAW, Lisa. Portuguese musical comedies from the 1940s and the 1950s and the transatlantic connection. **International Journal of Iberian Studies**, vol. 15, Nov.2003

ALMEIDA, Avelino de. Douro, Faina Fluvial. **Cinéfilo**, 162, 26-IX-1931.

RÉGIO, José. Um documentário e uma poderosa visão de poeta. **Presença**, 33, VII/VIII-1931.

NOBRE, Roberto. Aniki-Bóbo. **Seara Nova**, 802, 28-XII-1942.

GRÁCIO, Rui. «Impressões sobre Aniki-Bóbó. **Horizonte**, 13-I-1943.

AZEVEDO, Manuel de. O Pintor e a Cidade e o regresso de Manuel de Oliveira. **Norte Desportivo**, 30-IX-1956.

FRANÇA, José Augusto. O Pintor e a Cidade, curta metragem de Manuel de Oliveira. **Seara Nova**, 1337-1338, V-1957.

MARGATO, Izabel . A primeira vista é para os cegos. **Revista Semear 3**, da Cátedra

Antônio Vieira de Estudos Portugueses. Disponível em <www.lettras.puc-rio.br/catedra/revista/3Sem_04.html>. Acesso em 17/06/2008.

_____. O uso político da memória na ficção de José Cardoso Pires. **Revista Semear**, nº 10, da Cátedra Pe. António Vieira de Estudos Portugueses, disponibilizado em <http://www.lettras.puc-rio.br/catedra/>. Acesso em 25/06/2008.

PENAFRIA, Manuela. O documentário segundo Bazin. Uma leitura de O que é o Cinema?, de André Bazin. **Doc On-line**, nº 01, Dezembro de 2006, acessado em 07, de agosto de 2009 em www.doc.ubi.pt, 202-210.

PINA, Luís de. O cinema português existe: O Pão de Manuel de Oliveira. **Filme**, 11, II-1960.

TAVARES, Vítor Silva. Liturgia do Pão. **Jornal de Letras e Artes**, 234, 23-III-1966.

REIS, António. Acto da Primavera – um filme romântico. **Jornal de Notícias**, 18-X-1963.

CESARINY, Mário. O Acto de Manuel de Oliveira. **Jornal de Letras e Artes**, 122, 29-I-1964.

Internet:

<http://www.amordeperdicao.pt/>

<http://ncinport.wordpress.com/>

<http://www.ica-ip.pt/>

Anexos

CARTA ABERTA AO SENHOR MINISTRO DA CULTURA**(qualquer um, tanto faz)**

Excelência,

Não perderia o meu precioso tempo em dirigir-lhe estas linhas, senhor Ministro, não fora ter recebido do seu Gabinete uma carta que, aparentemente, pretende responder a uma outra, minha, que enderecei em 15 Maio 1999 — já lá vão quase três anos! — ao então ministro da Cultura Manuel Maria Carrilho, que nem sequer teve a boa educação de me responder. Em 04 Dezembro 2000 voltei a insistir (se a memória me não falha, o ministro já era outro), e a resposta foi a mesma: o mais imperial e opaco silêncio.

Nessas cartas eu dava conta da monstruosidade que é a actual legislação sobre os mecanismos da atribuição de apoio financeiro à produção de filmes em Portugal, apoio esse concedido pelo Instituto de Cinema (ex-IPC, ex-IPACA, actual ICAM) por deliberação de júris nomeados a dedo por...? Por quem? É certo que os regulamentos em vigor estabelecem quem é esse «quem», mas estão construídos de tal forma que dão ensejo a todas as influências, pressões e arbitrariedades.

Naquelas cartas eu referia algumas das gangrenas que infeccionam esse ignóbil sistema de júris, como por exemplo dele fazerem parte, não raro, críticos de cinema, o que está errado, porque os críticos só têm de criticar os filmes depois de prontos, e não coscuvilhar um projecto escrito que eles nem sequer sabem ler; além disso, júris a apreciar guiões só deveria haver para «primeiras obras»: na verdade, realizadores com currículo histórico não deveriam passar pela humilhação de ter de submeter o seu projecto a um grupo de «literatos» de cuja competência cinematográfica, na esmagadora maioria dos casos, eu duvido, até porque ler um guião é trabalho para especialistas e não para «individualidades» mais ou menos diletantes que se limitam a ganhar a simpática soma de 250 contos por cada sessão (pelo que me dizem, se estiver errado por favor corrijam-me), para atribuir umas pontuações aos projectos. Pior: em muitos casos os guiões

aprovados pelos júris acabam por ser completamente alterados pelos seus autores e os filmes por fim não têm nada a ver com aquilo que o júri aprovou — logo, para que é que serviu?

Nessa tal carta eu antecipava o que o ministro me iria responder — caso respondesse: «Dirá V. Ex.^a que se limita a fazer cumprir a lei. Mas como V. Ex.^a sabe, tal como Sócrates já sabia, uma coisa é a lei e outra a justiça; as leis são humanas e muitas vezes iníquas, pois os humanos têm tendência, infelizmente, para atender mais ao que é venal do que ao que é justo».

Depois de eu ter apelado para o Presidente da República em 12 Março 2001, que remeteu a minha documentação para o Primeiro Ministro, este por sua vez informou-me que remeteu para o ministro da Cultura — ou seja, voltou tudo à estaca zero, porque o ministro da Cultura esteve-se borrifando para o Presidente da República e para o Primeiro Ministro e continuou sem dar troco. Em 04 de Setembro de 2001 escrevi novamente ao Presidente da República e ao Primeiro Ministro, estranhando que um inferior hierárquico deste último nem sequer lhe ligasse nenhuma — até que finalmente agora recebo a tal carta do seu Gabinete, senhor Ministro, assinada pela Senhora D. Teresa Jorge (Chefe do Gabinete), que não tenho o privilégio de conhecer, dizendo em uma densa página e umas quantas linhas, com muito palavreado e pouco sumo, que se limita a cumprir a lei — tal como eu já previa:

«... a atribuição de apoio financeiro à realização cinematográfica [...] rege-se por critérios legalmente definidos».

Ora bolas!

Precisamente o que eu contesto é a lei — que TEM DE SER ALTERADA!

A legislação que existe dá azo a todas as manipulações, corruptelas e arbitrariedades, até porque quem manda nisto da cultura, pelo menos no nosso atoleiro cinematográfico, não são os programas dos partidos políticos que vão uma ou outra vez para o Governo, mas uns corifeus da sabença cine-cultural que intimidam os titulares governamentais da Cultura (ou que se cumplicitam com eles) e que proliferam pela Escola Superior de Cinema, pela Cinemateca Portuguesa, pelo ICAM, pela crítica dita cinematográfica de certos *media*, e por outros antros e *lobbies*, de que se aproveitam uns espertalhões como o produtor-distribuidor-exibidor-açambarcador Paulo Branco e o fazedor de filmes Manoel de

Oliveira, discípulo menor de Marguerite Duras, mais uns periféricos que manducam do mesmo «clube» e praticam aquele tipo de cinema a que eu chamo a «Escola do Bocejo», de que o público português foge como da peste e que os intelecto-críticos adornam com 4 e 5 estrelas nas secções culturais da imprensa.

Resultado: como não faço parte do «clube», os meus projectos de longa-metragem, que desde 1993 tenho submetido a concurso cada ano, vão irremediavelmente parar ao fundo do cesto, ao passo que os abençoados Paulo Rocha, João Mário Grilo, Alberto Seixas Santos, Joaquim Sapinho, João Botelho, João César Monteiro, Manoel de Oliveira, Teresa Vilaverde, Solveig Nordlund, etc. (que aliás têm todo o direito de filmar — tal como eu deveria ter!) já foram bafejados mais de uma vez nestes nove anos enquanto eu fico a ver navios. O produtor Paulo Branco, em dois concursos de 2001, teve quatro projectos aprovados, o que corresponde a uma «oferta» do Estado de mais de meio milhão de contos num só ano — nada mau para um produtor! —, e segundo informações obtidas junto do ICAM pela Associação de Realizadores de Cinema e Audiovisuais (ARCA), nos últimos seis anos o mesmo produtor Paulo Branco foi contemplado com cerca de 50% de todos os projectos aprovados nos vários concursos — o que estaria equilibrado **se só houvesse dois produtores** em Portugal! Benditas leis americanas anti-*trust*, que consideram «monopolização do mercado» se um grupo detiver mais de 30% do dito!

Que a mais descarada arbitrariedade reina nos critérios dos júris, ressalta da simples observação de alguns exemplos colhidos nos dois últimos concursos de apoio selectivo à produção de longa-metragem, ambos com o MESMO JÚRI:

No 1.º concurso, com Acta de 09 Julho 2001, o produtor Madragoa (Paulo Branco) obteve a soma de 23 pontos no seu currículo; no 2.º concurso, com Acta de 03 Janeiro 2002, essa pontuação subiu para 25 (que é o máximo: 5 pontos por cada um dos cinco membros do júri). Bom, podemos admitir que Paulo Branco fez mais umas coisitas entre um e outro e por isso subiu (!); mas que dizer então da Cinequanon, que ajudei a fundar há 28 anos, e que no 1.º concurso obteve 21 pontos e no 2.º baixou para 17?! O que é que a Cinequanon «desproduziu» entre um e outro, para lhe subtraírem 4 pontos?? Mais anormal ainda: no 1.º concurso, na alínea do «equilíbrio e consistência orçamental», os 16 projectos apresentados tiveram classificações diferentes, o que parece lógico; no 2.º concurso, a que concorreram 19 projectos, o júri não esteve com meias medidas (ou não esteve

para maçadas) e correu-os a TODOS por igual, com a mesma pontuação de 15! O meu projecto de filme *A Pomba*, por exemplo, que obteve 21 pontos no 1.º concurso, desceu misteriosamente para os tais 15 no 2.º! O que é que lhe aconteceu? Baralharam-se os cifrões lá pelas páginas do orçamento, e deterioraram-se, na passagem do 1.º para o 2.º?? Será que estes concursos são para se levar a sério ou estamos no reino do «faz de conta» e do «fartar vilanagem»?

E que dizer do caso de Solveig Nordlund que viu o seu filme aprovado no 1.º concurso, tendo obtido 21 pontos no currículo — não percebo bem porquê: por muita simpatia que ela me mereça, não fez grande coisa, que eu saiba e duma forma visível, pelo cinema português, ao passo que eu obtive apenas 19 e andei a labutar e a lutar durante mais de 40 anos, historicamente, em prol de muito do que se têm conseguido na cinematografia deste desgraçado país... Curiosamente, quando expus esta aberração a um dos membros do júri, ele disse-me que era norma assente lá entre eles considerarem, para os currículos dos realizadores, apenas as obras dos últimos CINCO ANOS!!!

Estou feito ao bife! Como o sistema não me deixa filmar há nove anos — estou sem currículo! Mais de quarenta anos do meu trabalho e do meu suor no cinema português foram pelo esgoto abaixo! Por este critério, o José Saramago, que só escreveu um romance nos últimos cinco anos, tem menos currículo do que essas magalis que por aí proliferam a escrever variegados romances *light* com montes de edições! (Nota: não tenho nada contra os romances *light*).

Em resumo: em sinal do mais veemente protesto contra esta escandaleira, vou entrar em greve. A PARTIR DE AGORA, E ENQUANTO A LEI NÃO FOR CORRECTAMENTE ALTERADA, NÃO VOLTAREI A SUBMETER-ME À IGNOMÍNIA DOS VICIADOS E VICIOSOS CONCURSOS DO ICAM.

Já estou com 71 anos cansados de muita luta. Ficarei em casa a sobreviver da magra reforma, dando umas aulas enquanto o pouco que sei puder ir ajudando à formação das camadas mais jovens que entram agora na aventura do cinema português, cheios de esperanças e de estrelas a luzir no olhar.

Quero crer que um dia, no futuro, esses jovens transformarão este nojento pântano num vergel de flores.

Aproveito, senhor Ministro, para lhe apresentar os meus cumprimentos.

Lisboa, 25 de Fevereiro de 2002.

*António de Macedo*²⁴⁵

Esta «Carta Aberta» foi enviada, na data supra, a todos os jornais, revistas, rádios, TVs, etc. — Nenhum destes meios de comunicação social a publicou ou se referiu sequer ao assunto. Constitucionalmente (mas apenas constitucionalmente) não existe Censura em Portugal.

²⁴⁵ O Exmo.Sr. Dr. António Macedo forneceu-nos esta carta na ocasião da entrevista concedida a nós em abril de 2008 na sua casa, em Lisboa e solicitou a inclusão da mesma no corpo desta tese.